

NOVO TESTAMENTO

## A unção de Betânia no contexto da traição de Jesus (Marcos 14,1-11)

### Aspectos de estilo e narratividade

#### *The Anointing in Bethany in the Context of the Betrayal of Jesus (Mark 14,1-11)*

#### *Aspects of style and narrativity*

Fabrizio Zandonadi Catenassi\*, Vicente Artuso\*\*, Ildo Perondi\*\*\*

#### RESUMO

O presente artigo parte da constatação: Marcos relata a traição de Jesus (14,1-2.10-11), interpolada pela unção feita por uma mulher anônima em Betânia (14,3-9). O objetivo deste artigo é analisar a narrativa de Mc 14,1-11, tendo em vista os elementos do vocabulário e estilo que reforçam a unidade do texto. O método utilizado é o da análise estrutural da perícopa, verificando aspectos estilísticos e narrativos do relato. A análise narrativa mostrou o papel dos personagens, seus planos e projetos. O narrador mostra uma dupla reação de Jesus, que forma o centro teológico do relato (vv. 6-9). Ao silêncio da mulher e ao silêncio de Jesus na própria paixão, destaca-se a fala de Jesus em favor da mulher. O paralelo dos elementos da moldura em contraste com a unção realça a função da mulher e o alcance teológico do texto. Ela realizou uma ação bela, que será contada pelas gerações futuras. Seu testemunho será anunciado junto com o Evangelho.

**Palavras-chave:** Evangelho de Marcos; Unção; Mulher; Narrativa; Interpolação.

#### ABSTRACT

The present article is based on the statement: Mark relates the betrayal of Jesus (14,1-2.2,10-11), interpolated by the anointing done by an anonymous woman at Bethany (14,3-9). The aim of this article is to analyze the narrative of Mark 14,1-11, considering the elements of vocabulary and style that reinforce the unity of the text. The method used was the structural analysis of the pericope, verifying stylistic and narrative aspects of the story. The narrative analysis showed the role of the characters, their plans and projects. The narrator shows a double reaction from Jesus, which forms the theological center of the account (vv. 6-9). In contrast to the silence of the woman and to the silence of Jesus in the passion's narrative, it is highlighted the speech of Jesus in behalf of the woman. The parallel of the elements of the frame in contrast to the anointing emphasizes the function of the woman and the theological scope of the text. She performed a beautiful action that will be told by future generations. His testimony will be announced with the Gospel.

**Keywords:** Gospel of Mark; Anointing; Woman; Narrative; Interpolation.

\* Mestre em Teologia (PUCPR) e Doutorando em Teologia (PUCPR). Professor de Sagradas Escrituras e coordenador da Pós-graduação em Teologia Bíblica (Católica SC).

\*\* Mestre em Ciências Bíblicas (Pontifício Instituto Bíblico) e Doutor em Teologia (PUC-Rio). Docente no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR.

\*\*\* Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Urbaniana) e Doutor em Teologia (PUC-Rio). Coordenador do Bacharelado em Teologia da PUCPR (Campus Londrina).

## Introdução

As últimas décadas foram acompanhadas de um acréscimo significativo de estudos da Bíblia a partir das ciências da linguagem, em partes, devido a um certo esgotamento no método-histórico crítico. Essa reviravolta científica foi fundamental na compreensão do Evangelho de Marcos: a constatação de seus recursos estilísticos e narrativos foi base para compreender o evangelista como autor e não como simples compilador de tradições<sup>1</sup>.

Um arranjo de retórica narrativa comum ao evangelho é a interpolação<sup>2</sup>, que consiste em inserir uma narrativa no centro de outra, interrompendo a primeira. Assim, um episódio é interpolado entre o começo e o fim de outro. Ainda que exista um consenso sobre a presença de interpolações em Marcos, os acadêmicos debatem sobre o propósito e a função dessa técnica literária no evangelho (EDWARDS, 1989, p. 195; DEPPE, 2015, p. 34). Uma forte corrente a entende em nível literário ou cronológico (AUNEAU, 1985; INCIGNIERI, 2003; DEPPE, 2015), reduzindo-a a um recurso de suspense para aumentar a curiosidade do leitor, transcorrer uma passagem de tempo, ou ainda para aumentar a tensão narrativa ao retardar o desenvolvimento do enredo.

Algumas leituras entendem as histórias interpoladas em sentido complementar, o que produziria uma ironia dramática entre os personagens-chave e suas ações (SHEPPHERD, 1995, p. 525). Nessa abordagem, ambas têm um motivo em comum e a leitura das narrativas emparelhadas soa de forma hermenêutica: um relato ajuda a entender o outro por comparação ou contraste (RHOADS; DEWEY; MICHIE, 2002, p. 76-77). Sobretudo, as técnicas literárias estão a serviço das concepções teológicas do autor e a elucidação do sentido dos arranjos retóricos deve levar em conta a mensagem teológica que guia a construção da narrativa. A forma está em função do conteúdo e se o conteúdo é teológico, é preciso um olhar mais atento sobre essa dimensão. Edwards (1989, p. 195-196) defende que, além do uso literário das interpolações (aumentar o suspense, permitir uma passagem de tempo e noção de simultaneidade), elas também servem para estabelecer uma relação entre as histórias e sublinhar aspectos teológicos.

Na narrativa da paixão, Marcos relata a traição de Jesus (14,1-2.10-11), interpolada pela unção feita por uma mulher anônima em Betânia (14,3-9). Alguns estudos delimitam a história central independente do texto precedente e do subsequente (MALZONI, 2010, p. 9-13; GUIJARRO; RODRÍGUEZ, 2011; CATENASSI, 2012, p. 123). Outros interpretam o texto no conjunto de Mc 14,1-11, como recurso estilístico de suspense ou contraste (DONAHUE; HARRINGTON, 2002, p. 18) ou esboçando uma análise da relação teológica entre os textos. Légasse (2000, p. 714-721), por exemplo, reconhece que a interpolação, nesse caso, não é um simples procedimento literário; ao contrário, delineia uma antítese entre a atitude da doação do perfume e a conduta inversa dos chefes judeus, apoiados por Judas.

Contudo, permanecem as dificuldades para compreender a perícope de Mc 14,1-11 como uma unidade. J. Auneau apresenta uma lista com oito interpolações marcadas, sendo justamente a unção em Betânia ignorada pelo autor (1985, p. 57-134). Deppe (2015, p. 70-77),

<sup>1</sup> Bultmann considerava que Marcos não foi suficientemente dono de seu material a ponto de organizá-lo de forma estruturada (BULTMANN, 2000, p. 411). A partir da segunda metade do séc. XX, com a análise dos arranjos estruturais, narrativos e teológicos que distinguem cada um dos evangelhos, Marcos passou de simples aglutinador de tradições para um verdadeiro compositor de redações (DONAHUE; HARRINGTON, 2002, p. 12-13).

<sup>2</sup> Comumente, encontra-se na literatura especializada o termo “sanduíches marcanos” como sinônimo. Para esse artigo, preferimos sempre o termo “interpolação”.

ainda que reconheça a técnica literária da interpolação marcana em Mc 14,1-11, interpreta a narrativa majoritariamente a partir do significado da unção messiânica da mulher, deixando eclipsada a discussão sobre a relação entre o centro e as margens. O mesmo vale para Edwards (2002, p. 411-416), que entende o relato como uma clássica interpolação marcana e defende a função hermenêutica da unção da mulher com relação a Mc 14,1-11, mas não explora com precisão como isso acontece.

Diante disso, o objetivo deste artigo é conduzir uma análise estrutural em Mc 1,1-11, valorizando os aspectos de estilo e narratividade. Então, apresentaremos uma apreciação teológica do texto, entendendo a unção de Betânia (Mc 14,3-9) no contexto da traição de Jesus (Mc 14,1-2.10-11).

## 1 Contexto literário

A paixão de Jesus em Marcos é precedida por uma série de relatos que abrem espaço para interpretar a vida de Jesus a partir de sua missão, reconhecendo-o como Messias. Assim acontece com a entrada messiânica em Jerusalém (11,1-11), com o episódio da figueira (11,12-14.20-25), com a expulsão dos vendedores do Templo (11,15-19). Esta característica é evidente na parábola dos vinhateiros homicidas (12,1-12), na qual o filho amado do dono da vinha é morto, rejeitado, mas tratado depois como pedra angular. O discurso de Jesus previne contra uma visão distorcida da salvação oferecida por Deus, indicando a vinda de falsos profetas (13,14-23), condenando o falso culto a Deus (12,41-44) e orientando seus discípulos à oração e cautela (13,33-37). A dramaticidade do relato é gradativamente acentuada diante das perseguições cada vez mais acirradas por parte dos adversários (11,27-33), que não eram somente combatidos em ordem prática, mas também quanto ao seu conteúdo: Jesus tem uma preocupação clara de dar sentido aos acontecimentos, a partir de termos apropriados à salvação e ao Filho do Homem (CATENASSI, 2012, p. 129).

Após o relato da traição de Jesus (Mc 14,1-11), Marcos também ressalta a incapacidade dos discípulos de reconhecerem em plenitude o plano de salvação que passava pela morte e ressurreição. Judas afasta-se do grupo e o entrega aos chefes dos sacerdotes em troca de dinheiro (14,10); os discípulos ficam tristes na ocasião do anúncio da traição e perguntam-se sobre a força de sua fé ao dizerem: “Acaso sou eu?” (14,19); Pedro exprime seu amor dizendo que seguiria Jesus incondicionalmente (14,29), mas o nega por três vezes (14,66-72); Pedro, Tiago e João não compreendem o momento de oração no Getsêmani e dormem enquanto Jesus agoniza (14,32-42); quando Jesus é preso, um jovem que o seguia foge do interrogatório dos guardas, abandonando-o nas mãos dos algozes (14,51-52). Em suma, é no contexto de má-compreensão da missão de Jesus, de maneira especial por seus discípulos, que Marcos insere o relato da traição de Judas, mas também o caráter exemplar da mulher anônima em Betânia.

## 2 Tradução

Segue tradução do texto grego de Mc 14,1-11<sup>3</sup>, tão literal quanto possível.

v. 1: Eram, pois, a páscoa e os ázimos depois de dois dias. E os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam prendê-lo mediante engano para matá-lo.

<sup>3</sup> A partir da 28ª edição do texto de Nestle-Aland (NESTLE et al., 2012, p. 161-162).

- v. 2: Pois diziam: “Não na festa, para não haver tumulto do povo”.
- v. 3: Enquanto ele estava reclinado à mesa em Betânia na casa de Simão leproso, veio uma mulher tendo um alabastro de perfume de nardo genuíno de elevado valor, tendo sido quebrado o alabastro, derramou-o na cabeça<sup>4</sup>.
- v. 4: Alguns comentavam indignados entre eles: “Para que acontece este desperdício de perfume?”
- v. 5: Esse perfume podia, de fato, ter sido vendido acima de 300 denários e ser dado aos pobres”. E esbravejavam sobre ela<sup>5</sup>.
- v. 6: Disse, pois, Jesus: “Deixa-a! Por que a importunais? Operou uma bela obra em mim.
- v. 7: De fato, sempre tendes os pobres convosco e quando quereis podeis fazer um bem a eles. A mim, porém, não tendes sempre.
- v. 8: Fez o que pôde. Antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura.
- v. 9: Pois, em verdade, digo a vós: e o que fez essa será contado para a memória dela a fim de que se anuncie o Evangelho para todo o mundo”.
- v. 10: E Judas Iscariotes, um dos doze, veio aos chefes a fim de entregá-lo a eles.
- v. 11: Eles, porém, ouvindo, alegraram-se e prometeram dar dinheiro a ele. E procurava oportunamente um meio como entregá-lo.

### 3 Delimitação

Em Mc 14,1, o texto apresenta uma ruptura com 13,37. Passa-se do discurso direto, uma fala de Jesus, para a voz do narrador, com uma das marcações temporais comuns à paixão: “Era, pois, a páscoa e os ázimos depois de dois dias”. Jesus é retirado de cena e são inseridos novos personagens: chefes dos sacerdotes e escribas, que fazem um complô para prender Jesus.

Há critérios estilísticos que permitem verificar uma microunidade entre os vv. 3 e 9. Há uma mudança de personagem, uma vez que o v. 2 apresenta uma fala dos escribas e sacerdotes e no v. 3 o narrador retoma a voz para apresentar Jesus em Betânia. O final da narrativa central pode ser considerado no v. 9, uma vez que no v. 10 o narrador mais uma vez retoma a voz e apresenta somente Judas Iscariotes indo ao encontro dos chefes dos judeus, que reaparecem novamente em cena. Levando-se em consideração critérios dramáticos, preferimos considerar esta microunidade como cena alternada (ou interpolação marcana). Assim, o final da perícopa deve ser entendido no v. 11, que retoma o complô dos vv. 1-2 e coloca-o em marcha com a participação de Judas. O v. 12 dá início à nova perícopa, retomando a informação teológica, o dado temporal e o historiográfico. Os discípulos e Jesus são trazidos para a cena no primeiro dia dos ázimos, discutindo sobre o local da páscoa.

### 4 Estrutura e unidade

Os padrões das interpolações de Marcos seguem um formato ABA’. A estrutura de Mc 14,1-11 pode ser assim desenhada:

<sup>4</sup> O texto mais claro em grego seria *ἐπι τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ*, documentado pelo *Bezae Cartaginense* e pelos latinos. As traduções, em geral, optam por essa versão mais fácil, porém, o texto de Nestle-Aland é fundamentado em documentos unciais mais antigos e conhecidos.

<sup>5</sup> É difícil expressar a atitude exata refletida pelo verbo *ἐμβριμάομαι*. Esse verbo diz respeito ao relinchar do cavalo. Mostra uma atitude de esbravejar, com raiva, provavelmente refletindo uma violenta indignação (ZERWICK; GROSVENOR, 1988, p. 154).

**A** vv. 1-2: planejamento do complô contra Jesus pelos chefes dos sacerdotes e escribas.

**B** vv. 3-9: unção em Betânia feita por uma mulher.

**A'** vv. 10-11: traição de Judas junto aos chefes dos sacerdotes.

Existe uma relação direta entre **A** e **A'**. Os vv. 1-2 localizam o texto no tempo e colocam os personagens alimentando um complô contra Jesus. Essa maquinação vai se concretizando com a entrada de Judas no v. 10, que se destaca do grupo dos doze (há uma divisão no grupo) e une-se aos personagens dos vv. 1-2. A chegada de Judas responde bem à necessidade do momento oportuno para prender Jesus. A função de **AA'** como moldura é ressaltada com o uso do verbo ἐζήτουν (“procurar”) no v. 1 e no v. 11. Aprofundaremos as relações entre **A** e **A'** no item a seguir.

A inclusão de **B** no relato **AA'** é uma “inclusão contraposta” (STANDAERT, 2012, p. 716-725), uma vez que coloca na posição central a ação realizada em Betânia, sendo colocada como oposta à traição de Jesus, contada nas margens. Então, naturalmente, as seções dos textos opõem-se no formato **AA' X B**.

Para Incigneri (2003, p. 339), Mc 14,1-11 é o momento em que o autor começa a mover as emoções do leitor de maneira poderosa, usando a técnica de interpolações como uma ferramenta retórica importante para produzir esse efeito. As seções **AA'** e **B** estabelecem entre si uma tensão dramática evidente: nas margens, está um projeto sobre Jesus, construído a partir de um complô que tem como fim evidente a sua morte. No centro, está a ação da mulher que, relacionada com a morte, reflete a postura pós-pascal, das mulheres que vão ao encontro de Jesus no sepulcro, mas encontram-se com o milagre da vida na ressurreição (Mc 16,14-8). Veremos a seguir como as oposições entre **AA'** e **B** são estruturadas para produzir esse efeito de contraste, após um estudo dos elementos narrativos presentes em **A**, **B** e **A'**.

## 5 Elementos narrativos

Elencamos, a seguir, alguns elementos narrativos que são essenciais para a compreensão das relações que se estabelecem entre a traição de Jesus (**AA'**, vv. 1-2.10-11) e a unção em Betânia (**B**, vv. 4-9).

### 5.1 Seção A: planejamento do complô contra Jesus pelos chefes dos sacerdotes e escribas (vv. 1-2)

O v. 1 apresenta um enquadramento amplo, situando a narrativa na história do povo. Funciona como um preâmbulo, um texto discursivo, explicativo, que mostra o complô escondido contra Jesus. Os grupos envolvidos são os chefes e os escribas. A perícopé é aberta com uma importante informação temporal e situacional: “Eram, pois, a páscoa e os ázimos depois de dois dias”. A informação logo se converte para o leitor em chave teológica, devido ao objetivo de levar Jesus à morte e ao tema da páscoa. No contexto dos capítulos anteriores, o leitor é inserido no mundo da culminação dos fatos<sup>6</sup>. Jesus, depois de chegar em Jerusalém, entra no tempo da páscoa, onde entregará sua vida. Com a páscoa, também

<sup>6</sup> Marcus (2011, p. 1072) mostra que o termo δύο ἡμέρας somente aparecerá na LXX no texto de Os 6,2, um testemunho bíblico importante no cristianismo primitivo e que ganha relevância na narrativa, uma vez que se fala da ressurreição no terceiro dia.

se evoca o tema da morte de Jesus, que será fundamental para a narrativa. O tema da morte perpassará o texto da traição de Jesus e da unção em Betânia, como se nota por um rápido olhar para o vocabulário: ἀποκτείνωσιν (“matar”, v. 1), ἐνταφιασμόν (“sepultura”, v. 8), παραδοῖ (“entregar” para a morte, v. 10).

No final do v. 1, aparecem os chefes dos sacerdotes e os escribas. Com isso, parece que o autor quer retratar os membros do Templo e do Sinédrio, mas não a instituição de justiça como um todo. Os sumos sacerdotes não aparecem como agentes anteriormente no evangelho, mas a menção feita a eles é conectada à paixão. O leitor já tem um juízo sobre eles em 8,31, o primeiro anúncio da paixão, como os que iriam rejeitar o Filho do Homem. O juízo de 10,33 é ainda mais severo, no terceiro anúncio da paixão: junto aos escribas, o condenarão à morte, entregarão aos gentios, com atitudes de zombaria e violência. De fato, o que foi proposto agora começa a cumprir-se: o início do relato retrata que o plano das autoridades é claro, querem prender Jesus e matá-lo. Gnilka (2001, p. 257) lembra que a anotação ἐν δόλω (“mediante engano”) objetiva sublinhar a malícia dos que estão armando o complô, sendo que o tema aparece com frequência nos salmos, como uma maquinação dos ímpios contra os pobres e os piedosos (cf. Sl 10,7-8; 35,20; 52,2).

O v. 2 acentua a dramaticidade do quadro inicial, com um efeito de acúmulo no juízo negativo sobre os personagens. No versículo, aparece a voz do narrador-autor, que é onisciente, porque sabe o que os personagens estão pensando, conhece as reações que vão acontecer. O narrador revela que não querem prender Jesus na festa para que o povo não se revolte, o que depõe contra os próprios líderes. Eles estão à frente do povo como chefes religiosos, por isso, são os responsáveis primeiros pela manutenção da fé da assembleia, tanto no culto como no ensino. A preocupação expressa no texto é meramente política. Reduzem o povo à massa política que não pode rebelar-se pela morte de Jesus e, mesmo com a tutela espiritual dos judeus, são incapazes de reconhecer que os acontecimentos têm uma incidência religiosa. Marcus (2011, p. 1073) afirma a possibilidade de uma fina ironia do autor: os adversários querem um plano desvinculado da páscoa, mas os acontecimentos, guiados pela vontade de Deus, não funcionam como esperam e levam seu destino à sua própria forma.

Esse quadro introdutório é essencial para o desenvolvimento da passagem. Os líderes do povo, que têm um poder dado por grandes instituições judias, armam um complô e querem matar Jesus. O autor não nos permite saber os motivos concretos na narrativa em si mesma. Mas o caráter do discurso é, certamente, político.

## **5.2 Seção B: unção em Betânia feita por uma mulher (vv. 4-9)**

O v. 3 sai do relato da trama contra Jesus e apresenta uma referência espacial bem delimitada, que dá sequência a uma nova unidade narrativa. Agora, Jesus está em Betânia, um pequeno vilarejo próximo de Jerusalém, que carrega um nome vindo do hebraico, significando “casa do oprimido”<sup>7</sup>. Mais que isso, está na casa de Simão, que leva um cognome pouco atrativo, “leproso”, uma enfermidade que conferia impureza legal. Não é um problema para Jesus, que estava acostumado com a casa dos pecadores e publicanos (Mc 2,15). O narrador vai além na delimitação do cenário e desenha a cena dentro da casa, na sala onde se recebiam os convivas para as refeições. O ambiente entrevê um modelo apresentado pelos salmos,

<sup>7</sup> O significado é alvo de debates no mundo acadêmico. Para uma discussão mais ampla, veja Malzoni (2010, p. 105-107).

indicando que a construção teológica é determinante na perícopre: “Diante de mim preparas a mesa, à frente dos meus opressores; unges minha cabeça com óleo e minha taça transborda” (Sl 23,5).

Malzoni (2010, p. 32) lembra que, em Marcos, Jesus frequentemente está em uma casa na companhia dos seus discípulos (cf. 1,29; 2,1.15; 3,20; 5,38; 7,17.24; 9,28.33; 10,10). Para o autor, a casa é um lugar importante de parada, tanto para o aprofundamento dos fatos que se dão no caminho quanto para o encontro de Jesus com aqueles que o buscam. Com isso, o cenário desse relato coloca o leitor em um ambiente de ensino, que representa a comunidade cristã reunida em torno de Jesus. O leitor deve esperar um ensinamento fundamental para seus discípulos.

No episódio, uma ação inesperada de uma mulher anônima (v. 3) interrompe a descrição do cenário. Desta mulher não sabemos o seu nome, sua origem ou algum detalhe de sua história. O autor sequer permite que ela fale na passagem. Mantém-se em um silêncio verbal “justo”, uma vez que o relato faz com que suas ações falem mais que discursos. O ritmo é acelerado pela montagem dos dois verbos principais enquadrando dois participios com o mínimo de conjunções: ἦλθεν γυνή, ἔχουσα, συντρίψασα e κατέχευεν.

O gesto da mulher é deliberado e sem precedentes: entra na sala reservada só para homens e quebra o frasco de um perfume muito caro, unguendo Jesus. O perfume trazido para a mulher é descrito com vários termos, que acumulam o valor da entrega. Estava em um vaso de alabastro (ἀλάβαστρον), era feito de uma planta estrangeira (νάρδου) e era um perfume genuíno, verdadeiro, autêntico (πιστικῆς, que pode também designar “fiel” em Jo 12,3) e de grande valor monetário (πολυτελοῦς). Ao desprender-se de um bem tão importante, que valia um trabalho manual de um ano todo, a generosidade da mulher é valorizada. Ela relativiza seus bens diante do bem maior que estava diante dela ao quebrar o frasco, significando que o perfume era dado integralmente a Jesus (SILVA, 2011, p. 64). Assim como a viúva no Templo, que oferece algumas moedas, mas que representam tudo o que tinha (Mc 12,44), essa mulher também oferece o que tinha de mais precioso e que poderia ampará-la em momento de necessidade (GRENZER; GRENZER, 2015, p. 289).

O gesto certamente ganha uma conotação teológica ao evocar o Cântico dos Cânticos, no único uso de νάρδος no AT (MALZONI, 2010, p. 38): “Enquanto o rei está em seu divã, meu nardo difunde seu perfume” (Ct 1,12). Contudo, alguns pesquisadores são reticentes quanto à uma ideia de unção real na perícopre<sup>8</sup>. Preferimos também ater-nos menos ao significado simbólico do gesto e mais na ação despreendida da mulher em favor de Jesus, que relativiza o valor monetário e enaltece a unção, que servirá para a sepultura de Jesus.

Uma vez que a passagem de Betânia é aberta descrevendo Jesus reclinado à mesa, no movimento narrativo do evangelho, a mulher é levada para o centro, assim como o homem da mão seca (3,1-6), a hemorroísa (5,21-43) ou o cego de Jericó (10,46-52). A partir desse momento, o relato enfoca a reação de dois grupos quanto à ação da mulher: os que estavam presentes na narração (designados somente como τινες, “alguns”) e Jesus.

<sup>8</sup> Guijarro e Rodríguez (2011, p. 138) mostram como a passagem evoca a memória social de Israel no tema da unção real, mas representando uma crítica ácida à estrutura do Templo e a categorias sociais elitistas. Edwards (2002, p. 416) nota que dificilmente o uso de nardo está conectado a uma unção messiânica de Jesus, uma vez que as unções descritas no AT são feitas com azeite e não com o perfume de nardo. Em oposição, Malzoni (2010, p. 40-42) mostra um vocabulário polissêmico para designar a unção tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o que inviabiliza a opinião de Edwards. Gnlika (2001, p. 261-262) diz que a unção messiânica do rei não pode, de nenhuma maneira, ser associada à unção feita por uma mulher desconhecida. Para opiniões opostas, veja Standaert (2012, p. 720-721).

Em 14,4 o narrador conta a reação de alguns presentes ao gesto da mulher e o juízo de valor que fazem dele. Seguindo a lógica do evangelho, os discípulos provavelmente seguiam Jesus nas refeições e esperava-se encontrá-los por ali, uma vez que o acompanham constantemente de 12,43 até 14,46. O autor, da mesma forma que relata com detalhes a ação da mulher, também adjetiva a reação dos comensais. Estavam indignados (ἀγανακτοῦντες) entre eles (πρὸς ἑαυτούς). Essa segunda construção é considerada um dativo ético aramaico, levando o leitor a posicionar-se a partir do relato. Forma-se um díptico com relação ao discipulado. O leitor pode posicionar-se a favor dos presentes ou a favor da mulher.

Quanto ao conteúdo, valorizamos na reação dos comensais a aproximação com a visão sobre o dinheiro expressa na traição de Jesus (vv. 1-2.10-11), tanto para os chefes dos sacerdotes e escribas quanto para Judas. É certo que, na páscoa, os judeus estavam obrigados a fazer beneficência (GNILKA, 2001, p. 262) e o sistema de doação de esmolas era previsto pela lei. Contudo, o “desperdício” (ἀπώλεια, com o campo semântico de “destruição”) ocupa o centro da crítica. Nesse sentido, ela é remetida não só à mulher, mas a Jesus, indiretamente. Por que ele aceita receber uma unção de perfume de tal valor, sendo que o legalismo judeu pedia para remeter boas ações especialmente aos pobres? Aqui, os presentes (incluindo, provavelmente, os discípulos), ocupam o papel de adversários. Mesmo no centro do relato, apresentam a mesma consciência legalista dos chefes dos sacerdotes e escribas da moldura (vv. 1-2) e dos fariseus ao longo do evangelho de Marcos.

Anteriormente, já demonstramos como esse relato concorda bem com os textos precedentes, ressaltando a ignorância dos discípulos quanto à consolidação do plano salvador de Deus no tempo da paixão. Com isso, os presentes na unção de Betânia se aproximam do comportamento dos personagens marginais: o juízo sobre a missão de Jesus não ganha os tons dos ensinamentos de Jesus em Jerusalém, mas permanece com a mesma leitura política das autoridades judaicas do princípio do relato. O coroamento da reação condenável dos presentes é feito quando o narrador retrata o gesto deles contra a mulher, com o termo ἐνεβριμῶντο. Já mostramos como esse verbo é usado para a fauna, designando o relinchar do cavalo. Com isso, o autor quer mostrar a reação violenta que apresentam diante da unção realizada. Os homens “bufavam” de repulsa à ação da mulher, não aceitando o valor que dá ao dinheiro, tendo-o como um prejuízo e desperdício. O que conta para os presentes é a visão materialista dos bens, é como se ignorassem o contexto da paixão e os anúncios da entrega do Messias feitos a partir do cap. 11. A reação violenta está bem conectada com o comportamento dos líderes judaicos, que querem matar Jesus, prendendo-o por meio de engano (v. 1) e na leitura política que fazem do povo e da festa da páscoa (v. 2).

O narrador mostra uma dupla reação de Jesus, que forma o centro teológico do relato (vv. 6-9). Ao silêncio da mulher e ao silêncio de Jesus na própria paixão, destaca-se a fala de Jesus em favor da mulher. É o único momento em que, na paixão, Jesus dá o sentido dos acontecimentos com detalhes, de forma catequética. Em 14,6, Jesus entra em cena, despertado pela ação dos que comentavam contra a mulher, quando eles “esbravejam” sobre ela. A reação de Jesus tem, portanto, duas origens: o *comportamento benfazejo* da anônima de Betânia, da qual Jesus entra em defesa diante da manifestação de *plena ignorância* dos presentes, incapazes de ler o fato na coerência do plano divino. Ainda estão no plano natural dos acontecimentos.

Jesus, portanto, é intérprete do fato e o faz como sendo um querigma da sua paixão e morte, que foi um ato de entrega extrema. Quanto ao gênero da narrativa, esse elemento

mostra um avanço importante (DEPPE, 2015, p. 74): os diálogos de controvérsia marcanos terminam com uma reação de espanto ou louvor dos presentes, ou ainda o reconhecimento da supremacia da sabedoria de Jesus em detrimento dos líderes religiosos judaicos. Aqui, o relato da unção é finalizado com uma catequese parenética de Jesus, tomando posição diante dos dois comportamentos com relação a ele. Jesus está do lado da mulher. Sua ação é bela (v. 6). Há uma superação das obras da lei, uma vez que a unção é feita “para a sepultura” (v. 8) e os judeus consideravam sepultar os mortos como uma categoria legal de caridade (CATENASSI, 2012, p. 132-133).

Da casa de Betânia, o discurso remete o leitor e os personagens para o *cosmos* (v. 9). O leitor é convidado a participar da narração, o que é explicitado na palavra dita por Jesus: todo evangelizar deve conhecer a ação dessa mulher na paixão. O uso dessa fórmula rara nos evangelhos e seu início solene, com ἀμήν, valoriza o caráter modelar do texto. O que a mulher fez de tão especial para sua ação ser canonizada na evangelização? O texto interpreta: “Fez o que pode. Antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura” (v. 8), ou seja, entendeu que o Evangelho é realizado no sofrimento vicário de Cristo. A mulher, diferente dos presentes, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, relativizou os bens do mundo presente à grande salvação eterna dada por Deus.

No final do Evangelho, Jesus dá a missão discipular: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (16,15). O uso do subjuntivo indica um volitivo. Contudo, a proclamação da ação da mulher de Betânia não é vocação, é exigência. O texto está no futuro do indicativo, o que mostra que o fato acontece, sem trabalhar com probabilidades. Jesus vincula a mulher ao querigma e consolida sua ação como anúncio da Boa Nova.

### **5.3 Seção A': traição de Judas junto aos chefes dos sacerdotes (vv. 10-11)**

Os vv. 10-11 fecham a moldura iniciada com a conspiração contra Jesus e o complô desejado pelos chefes dos sacerdotes e escribas (vv. 1-2). O narrador coloca em cena Judas, levando adiante o plano de matar Jesus.

O redator final do texto não faz nenhuma alusão psicológica à traição, mostrando certa incoerência entre o planejamento do complô e o desenrolar dos acontecimentos. O plano das autoridades era não prender Jesus durante a festa, mas o texto central já fala de um sepultamento e, ao final, Judas quer trair Jesus, sem motivo aparente no relato, levando-o, conseqüentemente, à morte. A conclusão do leitor é a de que o gesto é teológico e que a paixão de Jesus é conduzida dentro de um plano que foge das maquinações humanas.

O nome de Judas carrega uma adjetivação (v. 10): ele é “um dos doze”. A expressão ganha destaque, à medida que é um *hápax* marcano e do Novo Testamento (MARCUS, 2011, p. 1079). Da mesma forma que o plano de eliminar Jesus é feito pelos líderes judaicos, que tinham um poder ligado às instituições de maior influência junto ao povo, Judas também é designado como parte de um grupo. Ele é membro de um círculo de favoritos de Jesus, escolhidos não por mérito, mas pela vontade de Jesus (Mc 3,14).

Se havia uma tentação dos grupos religiosos judaicos de serem-se salvos por simples pertença a determinada instituição, o texto da traição ensinará o oposto. Não é por pertença institucional que o discípulo é legitimado. A passagem central dá a chave hermenêutica para a interpretação das margens: o poder ligado às instituições não é garantia de boas ações.

Tampouco dá a capacidade de compreender o plano de salvação que está em movimento durante a páscoa dos judeus. A ação de entrega deliberada manifesta o caráter do discípulo, como representado pela mulher de Betânia.

Enquanto a mulher anônima é desenhada próxima de Jesus e levada para o centro da discussão com ele, Judas afasta-se dos doze, de Jesus e provavelmente de Betânia. Gnilka (2001, p. 268) insiste nos vv. 10-11 como redacionais e de origem distinta da narrativa da unção dos vv. 3-9, colocados harmonizando com os vv. 1-2. Com isso, desvincula Judas da narrativa de Betânia, na visão diacrônica. Em sentido sincrônico, parece que o efeito espacial dado pelo narrador coloca Judas próximo de Jesus e depois desloca-o para o outro grupo, opositor, dos líderes judaicos.

Nas margens do relato (vv. 1-2.10-11), encontra-se o poder que está conectado a grupos com visibilidade no mundo judaico e no mundo cristão, o Templo, o Sinédrio e o grupo dos doze. Os dois grupos são conectados, não no plano da unção para a sepultura, mas na violência cruenta da morte de Jesus. Se as autoridades judaicas queriam entregar Jesus, Judas Iscariotes vai ao seu encontro a fim de entregá-lo. A reação dos mentores do complô é positiva: encontraram uma forma de colocar seu plano em movimento, por isso, alegram-se (v. 11).

O tema monetário se repete. Se o perfume do raro nardo, genuíno e caro, tinha sido colocado a serviço da paixão de Jesus, agora o dinheiro é que volta em cena, a serviço do plano de violência e morte. A mesma visão naturalizada de mundo manifesta pelos presentes em Betânia é expressa por Judas e pelos chefes judaicos. A concretização da passagem é inteligente e bem estruturada, formando um paralelismo com o v. 2. Se os sacerdotes e escribas discutiam o momento adequado para armar a emboscada para Jesus, agora o plano que eles tinham é dado para Judas. É um membro dos doze que continuará o complô, buscando o momento oportuno para entregar Jesus. A estrutura de AA' pode ser, então, aprofundada, no seguinte formato:

- A vv. 1-2: planejamento do complô contra Jesus pelos chefes dos sacerdotes e escribas.
  - a v. 1: descrição dos personagens e intenção de procurar prender Jesus.
  - b v. 2: discussão sobre o momento oportuno para o complô.
- A' vv. 10-11: traição de Judas junto aos chefes dos sacerdotes.
  - a' v. 10: descrição do personagem e intenção de entregar Jesus.
  - b' v. 11: referência ao momento oportuno para o complô.

## 6 Relações entre a traição de Jesus (vv. 1-2.10-11) e a unção de Betânia (vv. 4-9)

Na discussão das estruturas narrativas do texto, já identificamos elementos que reforçam a unidade de Mc 14,1-11. Elencamos abaixo e aprofundamos as principais relações que valorizam a técnica de interpolação marcana aplicada ao relato da traição de Jesus (AA', vv. 1-2.10-11) e da unção de Betânia (B, vv. 4-9), estabelecendo uma relação de contrastes entre AA' e B:

- a. A ação de “procurar” (ζητέω) é dos chefes e escribas em 14,1, que procuram prender Jesus em uma armadilha. Em 14,11, os chefes reaparecem ouvindo o interesse de Judas, alegram-se e oferecem uma recompensa por sua atitude de

- traição. O verbo ζητέω novamente é usado com Judas, que procura ocasião para entregar Jesus. Eles têm o mesmo projeto de violência e morte e se conectam bem com a narrativa da paixão. A traição se origina fora do relato da unção em Betânia, mas é colocada em movimento por alguém do círculo próximo de Jesus, provavelmente presente no centro da narrativa. A mulher de Betânia vai ao encontro de Jesus, “procura-o” para entregar-lhe uma unção de impressionante magnitude; Judas e os chefes e escribas procuram Jesus para entregá-lo a um cruel projeto de morte violenta;
- b.** Em 14,1 aparece δόλω, que define o método do complô: querem que Jesus caia em engano para poder matá-lo. O plano é modificado em 14,10, porque Judas vem “entregá-lo” (παραδοῖ, com sentido negativo, de “traí-lo”). Antes eles procuravam (ἐζήτουν), agora alguém vem (ἀπῆλθεν). O efeito do plano começa a aparecer com a introdução do personagem de Iscariotes, há uma evolução no enredo construída pelo personagem. As autoridades encontram o momento oportuno quando Judas entra em cena, afastando-se de Jesus e indo para a margem. O complô tem um aumento de intensidade, sai da condição de projeto e começa a ser executado, de maneira esperada, reforçando o caráter teológico da paixão, presente também no complô. Com isso, o centro, que dá sentido ao gesto da mulher à luz da páscoa, também dá sentido aos acontecimentos marginais na narrativa;
  - c.** As duas unidades narrativas são relacionadas a partir da caracterização dos nomes dos personagens (WEBB, 2008, p. 195). A mulher é um personagem anônimo, da qual só sabemos o conteúdo do perfume que traz nas mãos. Para Webb, a mulher sem nome contrasta com Judas, personagem nomeado na narrativa;
  - d.** Os personagens marginais são identificados como parte de um grupo específico, o Templo/Sinédrio e os doze. Tinham autoridade no mundo judaico e no mundo cristão, respectivamente. No centro, são mencionados justamente os que são desprestigiados e desprivilegiados da proteção identitária conferida pelas instituições da época de Jesus. Ali, aparecem Simão, o leproso, com o cognome que remete às classes mais desprezíveis do mundo religioso do Templo e a mulher, que entra na sala dos convivas, onde só poderia estar para servir os homens;
  - e.** Estão em oposição os centros de poder e o mundo familiar de Betânia. A perícopé, entendida como um todo, condena o economicismo das margens, que manifesta um interesse contrário ao projeto de Jesus. Sem perceber, eles corroboram o projeto, mas o centro do relato é a intenção que dirige as ações direcionadas a Jesus. Os chefes dos sacerdotes estão ligados ao Templo, enquanto que os escribas têm cadeira no Sinédrio. Os detentores de autoridade judaica e cristã são aqueles que maquinam o complô contra Jesus. A margem, que manifesta a liberdade do vilarejo, da casa e da cena ao redor da mesa, são capazes de ler Jesus à luz do plano divino de salvação. A distribuição dos personagens relacionada ao poder que detêm em Mc 14,1-11 segue o padrão de outra interpolação marcana: a filha de Jairo e a mulher hemorroísa (Mc 5,21-43), estabelecendo uma intertextualidade a nível estrutural. Em Mc 5, estão em oposição Jairo, que se coloca no centro da multidão junto com Jesus e quer uma ação, clamando: “Minha filhinha está

- morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva” (Mc 5,23). Jesus coloca-se a caminho da casa de Jairo, enquanto outra personagem ocupa o centro, a mulher que sofria o fluxo de sangue. Mesmo sentindo-se curada, é interpelada por Jesus, que dirige a ela expressão parecida com a usada por Jairo: “Minha filha, a tua fé te salvou” (5,34). Enquanto os que estavam na casa de Jairo caçavam de Jesus (5,40), a manifestação da fé da hemorroísa interrompe a narrativa e manifesta a urgência e predileção de Jesus pelos mais fracos. Antes de curar a filha de Jairo, Jesus cura “sua filha”;
- f. A concepção sobre o dinheiro que aparece em **AA'** combina bem com o **B**, em relação antitética. Nas margens, os bens materiais estão a serviço da corrupção em vista da traição. O vaso de alabastro quebrado é sinal de uma entrega gratuita sem nenhum interesse. No centro, o dinheiro é reclamado para ser usado para os pobres, mas estabelece ironia narrativa com as margens. O dinheiro é usado para corromper Judas e matar Jesus. Nos dois casos, a verdadeira intenção de fazer o bem ou fazer o mal é o que conta;
  - g. A “entrega” une as duas seções, no contexto da morte de Jesus. Jesus se entrega para a morte em favor da humanidade, plenificando o plano salvífico divino. A mulher age em consonância ao entregar todo o perfume, antecipando o cuidado com esse Jesus crucificado. Nas margens, os outros buscam a entrega violenta de Jesus, para a morte política. Ou seja, nas margens, está a violência; no centro, a Boa Nova. Shepperd (1995, p.121) defende que as ações dos personagens limítrofes da trama são contrastadas com a confissão missionária da mulher sem nome no centro, de forma que o enredo abominável se transforma em Boa Nova;
  - h. O contraste entre “segredo” e “abertura”, para Donahue e Harrington (2002, p.390), também une as seções. Por um lado, o complô estruturado pelas autoridades e Judas é taciturno, feito em segredo. A ação da mulher é feita diante de todos os presentes na refeição em Betânia e ganha dimensão universal diante de sua defesa feita por Jesus;
  - i. Em **B**, um verdadeiro conflito é estabelecido entre os presentes e a mulher. A violência é bem registrada na reação dos convivas. A mulher não foge do conflito humano, porque a intenção de sua ação é colocar-se em favor de Jesus. Os personagens de **AA'** têm medo do conflito com a multidão (v. 2) e precisam buscar os momentos oportunos para seguir com seu complô (v. 11);
  - j. Finalmente, **AA'** e **B** apresentam modelos diferentes e opostos de discipulado. No centro, está uma conexão íntima com Jesus, feita por uma mulher que tem fé. Aqueles que caminham com Jesus, que já o tinham confundido com um fantasma (Mc 6,49) no contexto da crise galilaica, são incapazes de perceber o significado de suas ações em Jerusalém. Judas leva ao extremo a incompreensão, rompendo sua relação com Jesus e colocando-se do lado dos líderes judaicos. Mesmo aqueles que fazem parte do grupo mais próximo de Jesus podem escolher ir para as margens.

Diante dessas relações, defendemos que o texto de Mc 14,1-11 pode, sem dúvida, entrar na lista das interpolações marcadas. As duas histórias estão conectadas e a interpretação dos fatos feita por Jesus ajuda a compreender as margens. O arranjo formal está a serviço da

teologia de Marcos. De um lado, a história central ajuda a elucidar elementos da cristologia, que são completados pelas margens. Por outro lado, o discipulado é modelar no centro do relato e antimodelo nas margens.

## Considerações finais: alcance teológico de Mc 14,1-11

A narrativa de Mc 14,1-11, na sua estrutura, revela a centralidade da ação bela da mulher. Ela se antecipou a ungir o corpo de Jesus para a sepultura. Jesus aparece na cena como intérprete do gesto da mulher. A unção para a sepultura, nas palavras de Jesus, mostra que o complô dos inimigos tramando sua morte irá acontecer. A informação ocasional da festa da páscoa e ázimos também acena para o significado teológico da morte de Cristo. Este é o elemento de unidade: a morte de Jesus é comum na moldura externa (Mc 14,1-2; 14,9-11), e na cena central (Mc 14,3-8). A ação da mulher prepara para a sepultura, enquanto a de Judas prepara para a morte.

A cena revela um alcance teológico associado ao mistério pascal, explícito na ação de ungir para a sepultura. Esta ação boa é associada ao anúncio do Evangelho: “Onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória” (Mc 14,9). A ação bela é ação boa, torna-se Boa Nova a ser proclamada em todo mundo. Aqui, há um significado meta-narrativo. O leitor é convidado a olhar a história e ver os fatos que prolongam a Boa Nova em ações concretas, como a ação da mulher de Betânia.

A vida doada, o testemunho de generosidade da mulher anônima de Betânia, que fez tudo o que podia fazer, integra o Evangelho. Pode-se colocar esta ação no mesmo nível dos milagres de Jesus. Eles são “*verba visibilia*”, palavras visíveis que comprovam também a eficácia da pregação. No sentido teológico, as ações boas de discípulos e discípulas anônimas, tornam-se evangelho conhecido. Portanto, a repercussão do que acontece no centro da perícopie ultrapassa o tempo e o espaço, tornando-se modelo para a prática cristã dos que lerem esta história.

Nosso estudo mostrou que o relato é significativo ao destacar a prática boa em contraste com a prática má, os grupos do centro do poder do Templo e Sinédrio (chefes dos sacerdotes e escribas) opostos aos grupos dos pobres ligados à casa. Se o paralelismo da moldura em Mc 14,1 com 14,11 acentua o aterrador grau de corrupção por parte de Judas, com plano igual aos inimigos de Jesus, a ação da mulher de ungir Jesus com perfume precioso destaca o bem maior. O leitor atento ao plano da traição e entrega de Jesus à morte se lembrará que Jesus havia profetizado três vezes: “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens e eles o matarão, mas ressuscitará ao terceiro dia” (Mc 8,31; 9,31; 10,33-34).

Portanto, o leitor refletirá sobre a tensão entre “o momento oportuno de entregar Jesus à morte” do ponto de vista dos adversários e do ponto de vista de Deus. Aqui, também vem indicado o significado meta-narrativo do texto (MARCUS, 2011, p. 1086): Jesus morre, é sepultado e ressuscita para a salvação. A proximidade fonética de páscoa à palavra grega *πάσχειν* (sofrer) ajuda a relacionar Jesus com o cordeiro pascal (MARCUS, 2011, p. 1075). Assim, temos um texto organizado de modo a mostrar a proximidade da traição e morte de Cristo, tramada por um grupo inimigo, em contraste com a bela ação de ungir o corpo para a sepultura, um modelo de obra de misericórdia. O texto aponta as obras do amor e solidariedade a serem proclamados a todo mundo. A memória daquela mulher, por sua bondade será como luzeiro em meio àqueles que tramam o mal. Ações belas são ações boas e agradáveis como o perfume de agradável odor, que se espalha por toda casa.

## Referências

- AUNEAU, Joseph. Evangelho de Marcos. In: AUNEAU, Joseph; BOVON, François; GOURGUES, Michael; CHARPENTIER, Etienne; RADERMAKERS, Jean. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 57-134.
- BULTMANN, Rudolf Karl. *Historia de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sígueme, 2000.
- CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Um discipulado mais pleno: a mulher de Betânia (Mc 14,3-9). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 29, p. 121-135, 2012.
- DEPPE, Dean B. *The theological intentions of Mark's literary devices*. Eugene: Wipf & Stock, 2015.
- DONAHUE, John R.; HARRINGTON, Daniel J. *The Gospel of Mark*. Collegeville: The Liturgical Press, 2002.
- EDWARDS, James R. Markan sandwiches: the significance of interpolations in markan narratives. *Novum Testamentum*, Leiden, v. 31, n. 3, p. 193-216, 1989.
- EDWARDS, James R. *The Gospel according to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.
- GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos II*. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 2001.
- GRENZER, Francisca Antonia de Farias; GRENZER, Matthias. O rompimento do frasco. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 23, n. 86, p. 279-290. jul./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19176/rct.i86.26051>
- GUIJARRO, Santiago; RODRÍGUEZ, Ana. The “messianic” anointing of Jesus (Mark 14:3-9). *Biblical Theology Bulletin: A Journal of Bible and Theology*, Thousand Oaks, v. 41, n. 3, p. 132-143, 2011. <https://doi.org/10.1177/0146107911413210>
- INCIGNERI, Brian J. *The gospel to the Romans: the setting and rhetoric of Mark's gospel*. Leiden: Brill, 2003.
- LÉGASSE, Simon. *Marco*. Roma: Borla, 2000.
- MALZONI, Cláudio Vianney. *Jesus em Betânia (Mc 14,3-9): um gesto de generosidade e ternura no início do relato da Paixão*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MARCUS, Joel. *El evangelio según Marcos 8-16*. Salamanca: Sígueme, 2011.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo Maria; METZGER, Bruce Manning. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Marcos como relato: introducción a la narrativa de un Evangelio*. Salamanca: Sígueme, 2002.
- SHEPPHERD, Tom. The narrative function of Markan intercalations. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 41, n. 4, p. 522-540, 1995. <https://doi.org/10.1017/S0028688500021688>
- SILVA, Creuza Elena. *A relação interativa entre Jesus e as mulheres a partir de Mc 14,3-9*. 2011. 69 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.
- STANDAERT, Benoît. *Marco: vangelo di una notte, vangelo per la vita*. Commentario. Bologna: Dehoniane Bologna, 2012.
- WEBB, Geoff R. *Mark at the threshold: applying Bakhtinian categories to Markan characterization*. Leiden: Brill, 2008.
- ZERWICK, Maximilian; GROSVENOR, Mary. *A grammatical analysis of the Greek New Testament*. 3. ed. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1988.

Recebido em: 30/04/2017

Aprovado em: 08/07/2017

Fabrizio Zandonadi Catenassi  
Centro Universitário – Católica de Santa Catarina  
Rua Visconde de Taunay, 427 – Centro  
89203-005 – Joinville, SC, Brasil